

CAMINHANDO

INFORMATIVO DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU
ANO I — Nº 07 — JULHO DE 1987

Momento Nacional

MINIMIZAÇÃO DO SALÁRIO-MÍNIMO

Você sabia que o salário mínimo brasileiro de hoje é menos da metade do salário mínimo do tempo de Getúlio Vargas? Sabia que o salário mínimo brasileiro é o menor da América Latina? A constatação é fruto de cálculos do DIEESE (Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) e da OIT (Organização Internacional do Trabalho). Antes estávamos à frente apenas do Peru. Mas após medidas econômicas tomadas recentemente pelo Presidente Alan Garcia, o recorde agora é nosso: o Brasil foi arremessado para o último lugar — triste colocação para uma nação que tem o maior território e o maior Produto Interno Bruto da região.

Mais preocupante ainda: o número de brasileiros que ganham até um salário mínimo, ou seja, esqualidos 1.900 cruzados, passa de 16 milhões de pessoas, o que equivale a 30% da população economicamente ativa do país, que é de 55 milhões de pessoas. O novo pacote do Governo agravou ainda mais as coisas. Conforme o mesmo DIEESE, através de seu diretor, Walter Barelli, o novo pacote vai provocar o maior arrocho salarial de nossa história. Pelo novo pacote, o salário foi corrigido pela média no período anterior e agora algumas categorias já fazem jus a dois gatilhos, como o pessoal de outubro e o pessoal de novembro.

Julho, mês de Sant'Ana

Maio é mês de Maria, junho é mês de Santo Antonio, São Pedro e São João, julho é o mês de Sant'Ana, da Senhora Sant'Ana, como é afetuosamente tratada nos interiores do nosso Brasil. Por aí afora, é padroeira de inúmeras paróquias. Nosso povo religioso quer muito bem a ela, é a santa avózinha do céu. Avó de Jesus e avó adotiva de todos nós. A figura de Sant'Ana muito coopera para entendermos o cristianismo como relacionamento afetivo familiar e não tanto como discussão teológica.

Da devoção a Sant'Ana se diz e se sabe muita coisa; que o pessoal das comunidades onde ela é padroeira raramente deixa a igre-

A suspensão de qualquer reajuste significa perda de salário do trabalhador que já tinha tido, no tempo do Cruzado II, uma perda de 25% em nível de salário real. Adverte Barelli: "Mais uma vez os trabalhadores serão os grandes sacrificados, pelas atuais medidas econômicas do Governo. Com o fim do gatilho, o arrocho salarial vai ser ainda maior. A situação tende a tornar-se insuportável". Alguma novidade em tudo isso? Não, é o velho sistema imperante no Brasil, desde o começo de sua história: os ricos tomando dos pobres, os que têm força subjungando os que não têm força, com o objetivo de aumentar suas riquezas.

Paulo César Moutinho, técnico do DIEESE, observa que o novo pacote do Governo foi preparado para que o Brasil tenha melhores condições para pagar a dívida externa, estabelecendo uma política parecida com aquela do tempo do lema "exportar é o que importa". Segundo Moutinho, o Governo está seguindo fielmente a receita do Fundo Monetário Internacional (FMI) de arrocho salarial, recessão e desemprego, visando a diminuir o consumo interno e, consequentemente, direcionando as vendas brasileiras para o mercado internacional. Com o aumento das exportações, aumenta a geração de divisas, permitindo ao País reforçar suas reservas para pagar a dívida externa. (FLT).

Ja católica por outra: ninguém gosta de contrariar a vovó! Que Sant'Ana, onde ela é padroeira, ajuda a criar, nas pessoas, apego e amor inquebrável ao lugar onde nasceram e foram batizadas. Que a Senhora Sant'Ana é uma das melhores padroeiras para animar a paróquia a criar um clima familiar de união e amizade. Deve ser verdade, pois tudo isso é bem de acordo com a figura dela.

Há um detalhe interessante, na figura de Sant'Ana é de tantos outros santos protetores de nossas comunidades. Veja o caso de Sant'Ana: viveu há mais de dois mil anos numa cidade insignificante de um país insignificante; levou vida socialmente insignificante, realizando diariamente apenas os humildes trabalhos de dona de casa. No entanto, tem mais força, ainda hoje, de influenciar para o bem, a união e a paz, do que muitos figurões que, cheios de poder, vivem fazendo discurso sobre estas coisas.

Um dos momentos mais belos, mais ricos do nosso passageiro existir é aquele da mãe com seu nenê no colo. A arte cristã eternizou tais momentos em milhares de Nossas Senhoras. Poucas pessoas tiveram o privilégio único de ficar habitualmente com o Menino Jesus no colo. Agora você imagina a satisfação, a profundidade do afeto da vovozinha Sant'Ana carregando seu netinho muito especial! Por motivos são humanos, a Senhora Sant'Ana é, na igreja, pessoa muito especial. Nos alegramos em seu mês e participamos na alegria de todas as comunidades que, Brasil afora, curtem a alegria de tê-la como padroeira. Mais de dois mil anos de idade e mais viva do que nunca! (FLT).

DEU NO JORNAL

NOVA IGUAÇU NO PODER

No fim de semana, uma secretária de Moreira dizia a um deputado do PMDB, vindo do PDS: "Coitado do Jorge Gama. Não tem poder nem para arrastar a mesa do Paulo Rattes". E é uma pena. Um dos melhores dirigentes do PMDB do Rio, mas sem a malícia, a garra, a capacidade de decisão que o Poder, sobretudo o quintal do Poder, exige. Facilitou, pisou na grama, a cobra morde. Parece uma maldição de Nova Iguaçu. Seus líderes do PMDB são gente com todas as virtudes e nenhuma força. O Jorge Gama, exemplar como cabeça política e cidadão, dia e noite a serviço dos interesses de seu pobre e abandonado povo da Baixada, é a outra banda do Chico Amaral, o vice-governador, também, como ele, um cidadão a caminho certo do céu, mas ingênuo demais para as maldades da terra. Jorge Gama é o Chico Amaral que ouve.

(S. Nery, T. da Imprensa — 16-6-87)

CONSTITUINTE E PERFUMARIAS

Quem lê os jornais superficialmente pode enganar-se, vendo que a Constituinte está com algumas teses politicamente avançadas e que deverão ser aprovadas. Tudo é pó-de-arroz. A direita é competente. Ela sempre dá algumas jóias para manter os dedos. Na parte política, institucional, ela faz concessões, porque sabe que não vão alterar a realidade. Enquanto ficar no discurso, na teoria, nas generalidades, no blablablá, tudo bem. Ela negocia, cede, deixa passar. Podem encher a Constituição de "direitos humanos", "liberdades individuais", "democracia", essas perfumarias todas que ficam apenas na letra, no papel, depois não funcionam. Na hora de se tratar das coisas concretas, da economia, da reforma agrária, da reforma urbana, do ensino público, das finanças, dos problemas sociais, da propriedade, da defesa dos interesses do povo e dos desprotegidos, aí a direita joga tudo. E acaba fazendo o que fez na maioria das subcomissões. Ganha todas pelo voto traidor (de 8 a 4) do PMDB que se diz "centro", mas na realidade é o PMDB do "lobby" e do voto comprado. (S. Nery, T. da Imprensa, 27-5-87)

O QUE PENSAR DO CRUZADO III

● Evaldo Criaco, presidente do Sindicato dos Comerciantes de Teresina e secretário-geral da CUT no Piauí: "O povo não pode acreditar na seriedade do governo, pois já foi uma vez ludibriado na sua boa fé com o Plano Cruzado. Por que não congelam os juros e controlam os lucros absurdos dos banqueiros?"

● Ronald Barata, presidente do Sindicato dos Bancários, do Rio: "Achei que o plano é um massacre para assalariados. É um plano ortodoxo. Há medidas que só atingem o assalariado. Houve alta exagerada dos preços, pois o governo avisou que ia congelar. Enquanto isso, o resíduo do gatilho só virá dividido em seis meses."

EDITORIAL

NO COMEÇO ERA GATINHANDO

É gatinhando sem muita convicção. É isso mesmo, tudo nasce fraquinho e inseguro. A essa altura, começa a virar CAMINHANDO. Caminhando para exprimir a voz de nossa Diocese. Tá longe ainda, mas a gente chega lá!

É o sétimo passo da caminhada. Nosso sétimo número! Os anteriores e este, preparados a muitos mãos. Mas ainda estão faltando mãos: as suas. Escreva para nós, reparta com seus irmãos, partilhe as experiências!

Sabia que, quanto mais se dá mais rica fica? Pois bem, aí está nosso número do mês de Sant'Ana se dando a você. Preenchermos o objetivo, sendo voz das comunidades. Já somos? Não, mas, com você, chegaremos lá.

Palavra do irmão Bispo

João Paulo II proclama o Ano Mariano

É conhecido que o Papa João Paulo II tem uma grande devoção a Nossa Senhora. A cor azul e o M do escudo pontifício traduzem, como programa, a mentalidade mariana do Santo Padre. Frequentemente o Papa se refere a Nossa Senhora, com profundo amor filial.

Não admira assim que, depois de ter publicado três encíclicas sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o Papa tenha dedicado à Virgem Santíssima uma encíclica especial, "Redemptoris Mater — A Mãe do Redentor", sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho.

A maneira de tom fundamental João Paulo II principia com estas palavras: "A Mãe do Redentor tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque 'ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido duma mulher, nascido sob a Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que nós recebêssemos a adoção de filhos. E porque vós sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama 'abba-Pai' (Gál. 4, 4-6). Red. Mater, nº 1).

Com esta encíclica, datada de Roma, 25 de março de 1987 — o Papa anuncia e determina a realização de um Ano Mariano que se estende da festa de Pentecostes (07-06-87) à festa da Assunção de N. Senhora (21-08-88).

Depois de recordar alguns documentos marianos de Paulo VI (a quem chama de "meu grande Predecessor"), o Papa expõe como nasceu a idéia do Ano Mariano:

"A circunstância que agora me impele também a mim a retomar este assunto é a perspectiva do Ano Dois Mil que já está próximo, no qual o Jubileu milenário do nascimento de Jesus Cristo, nos leva a volver o olhar simultaneamente para a sua Mãe." (Red. Mater, nº 3).

Mais tarde (nº 48) o S. Padre explica o "sentido do Ano Mariano":

"O vínculo especial da humanidade com esta Mãe foi precisamente o que me levou a proclamar na Igreja, no período que an-

tecede a conclusão do Segundo Milênio do nascimento de Cristo, um Ano Mariano. Uma iniciativa semelhante à esta já se verificou no passado, quando o Papa Pio XII proclamou o ano de 1954 como Ano Mariano, para dar realce à excepcional santidade da Mãe de Cristo, expressa nos mistérios da sua Imaculada Conceição (definida exatamente um século antes) e da sua Assunção ao Céu. Segundo a linha do Concílio Vaticano II, anima-me o desejo de pôr em relevo a presença especial da Mãe de Deus no seu passado testemunha a especial cooperação materna da Mãe de Deus na obra da salvação em Cristo Senhor, mas também a preparar para o futuro, na parte que lhe toca, os caminhos desta cooperação salvífica, dado que, com o final do Segundo Milênio cristão, se abre como que uma nova perspectiva" (Nº 49).

Mais adiante escreve o Papa: "Assim, por meio deste Ano Mariano, a Igreja e chamada não só a recordar tudo o que no seu passado testemunha a especial cooperação materna da Mãe de Deus na obra da salvação em Cristo Senhor, mas também a preparar para o futuro, na parte que lhe toca, os caminhos desta cooperação salvífica, dado que, com o final do Segundo Milênio cristão, se abre como que uma nova perspectiva" (Nº 49).

Como nossa diocese participará do Ano Mariano?

Temos de confessar uma sobrecarga intensa que pesa sobre nós. E no entanto não podemos ficar à margem de um acontecimento da Igreja universal como é o Ano Mariano. Tentaremos unir Sinodo e Ano Mariano. Tentaremos utilizar o que temos, as festas de N. Senhora, as devoções populares, as associações de espiritualidade mariana (como Pia União, Congregação Mariana, Legião de Maria). Provavelmente poderemos inaugurar enfim a capela do Seminário Diocesano, dedicada a N. Senhora do Rosário (vitrais representando os 15 mistérios do Rosário!). Aproveitaremos o mês de outubro deste ano e o mês de maio de 1988. Dentro de nossas limitações que aceitamos com profunda humildade, vamos participar do Ano Mariano e corresponder assim ao desejo do S. Padre João Paulo II.

Dom ADRIANO,
bispo diocesano

Uma carta de São Bernardino

Tantas histórias da Fazenda São Bernardino! De São Bernardino que devia fazer parte da história de nossa gente, de nosso patrimônio cultural, mas que tem sido apenas o cenário de histórias desumanas, ocorridas com gente também nossa, por causa do patrimônio latifundial...

Um dia fui personagem de uma delas. Não fui por heroísmo não! Fui assistir a uma Celebração e o fato me pegou no seu momento mais cruel... Alguém disse que eu era advogada e eu fui levada pela multidão, pela urgência de defesa do povo oprimido... Fui achada no meio do povo...

Oficiais, com vergonha ou medo de identificarem-se, escondiam carteiras e corações. O sofrimento daquela gente despejada, roubada no pouco que possuíam, não atingia patentes ou insígnias. A sujeira do gesto dos capangas, infelizes comprados pela elite, certamente não maculou os uniformes e os juramentos dos doutores...

Mas e a consciência?

Quando vi seres humanos tratados como bichos por outros seres humanos, em nome da lei e da justiça... Quando vi mulheres

correndo desesperadas atrás dos caminhões que levavam o tão pouco que possuíam... Quando vi crianças chorando, sem entender direito o que acontecia... Quando vi policiais, vizinhos nossos na dureza do dia-a-dia, dando proteção àquele vandalismo... Quando vi Padre Renato, sentado à beira da estrada, com as lágrimas rolando e tentando lavar a imundície dos fatos... Eu compreendi! Entendi que os direitos humanos estão acima de qualquer lei. Não é preciso ter cursado uma faculdade para saber que está tudo errado.

Foi por isso que, naquele dia, cheguei perto do Padre Renato e disse decepcionada: — Vou rasgar meu diploma.

Se ele não serve para defender inocentes, se não tem força real contra as injustiças, para que serve então? Tenho vergonha de colocar um Dr. inútil na frente do meu nome!

Eu me achei no meio do povo!

IRIS ROCHA GALVÃO
Bairro da Viga

REGIÕES EM FOCO

PLIM PLIM DO JORNAL
"CAMINHANDO"

A Região III está avançando num processo de organização das CEBs para uma ação inter-ecclesial. A nível de juventude o processo de engajamento foi fortalecido pelo Curso Sobre a Realidade do Trabalho, realizado pela Pastoral da Juventude em agosto do ano passado, a partir daí já foram realizados 2 encontros de jovens militantes no Centro de Formação de Paracambi, com representantes de Paracambi, Lages, Japerj e Engenheiro Pedreira, onde foi discutido sobre Juventude Cristã e Militância Política, dando um enfoque para a espiritualidade dos militantes, sendo encerrado o encontro com uma celebração realizada pelos jovens.

Está marcado para os dias 5, 6 e 7 de junho um Curso Bíblico e Social para os jovens no Centro de Formação de Paracambi e um III encontro de Jovens Militantes.

Sentimos que nossas comunidades, apesar de terem muitas dificuldades começam a se preparar para ser fermento na massa. Quando o Sindicato das Indústrias Têxteis de Paracambi sentiu a necessidade de um grupo de apoio, foi procurar todas as entidades da cidade e puderam contar com o apoio da Igreja (padre e agentes de pastorais engajados).

Para comemorar o 1º de Maio houve a iniciativa do Sindicato dos Têxteis em convidar todas as Igrejas para um ato Eclesiástico, que se realizou com a presença da Igreja Católica e da Pastora Metodista, que também participa da CPT.

A festa do 1º de Maio foi encerrada com um ato público que contou com a participação de muitos jovens das CEBs representando os movimentos populares e associações de moradores.

Prosseguindo a caminhada das CEBs, teremos também, na Paróquia de Paracambi, no Centro de Formação, o encontro das Comunidades.

Data: dia 31-05-87. Tema do Encontro: Fé e Política.

Teremos a presença de MARCELO (companheiro do CEDAC).

EXPEDIENTE

Caminhando

Uma publicação da Diocese de Nova Iguaçu — Rua Capitão Chaves, 60 — CEP 26.220 — Nova Iguaçu-RJ
Telefone: 767-0472

Coordenador de Pastoral:
Pe. RENATO STORMACQ
Responsável:
Pe. GILBERTO TEIXEIRA RODRIGUES

Responsável por este número
Frei LUIS THOMAZ

Equipe de Redação:
Jorge Luiz Soares, Ademir Peçanha

— x —

Composto e Impresso na Unigráfica Editora Ltda. — Rua Abraão Abdalla nº 60 — Tel.: 791-4549 — Nilópolis-RJ

EM CARTAZ, A VIOLÊNCIA DA BAIXADA

Frei LUIS THOMAZ

Por esses dias, tem andado bem inflado o balão da badalação da violência, produzida na Baixada Fluminense. Acontecem reuniões de cúpulas governamentais com lideranças comunitárias, acompanhadas de muita televisão e muita manchete. Ganham as ruas reuniões nos palácios administrativos, em alto clima de indignação perante as repetidas matanças. Com estradalhaço, transferem-se para a Baixada autoridades responsáveis pelos problemas de segurança. É a Baixada Fluminense vivendo seus esporádicos dias de glória, participando, como sempre, na sorte dos pobres, que se tornam importantes na hora de pêsames, quando morre alguém na família.

Em dia de junho de particular incidência de chacinas, as Associações de Moradores de Nova Iguaçu promoveram manifestação na Via Dutra. Durante meses, aquele pessoal percorreu todos os caminhos, recorreu a todos os recursos, bateu em todas as portas, bateu com a cara em todas as portas, para pedir muito pouco: conclusão e funcionamento dos CIEPs. Nada foi conseguido. Daí, a população apelou para o recurso extremo, a fim de chamar atenção para o seu abandono e seus direitos: bloquear a Via Dutra por 15 minutos. Lá estavam milhares de pessoas vivendo momentos de sociedade nova, o povo novo que deixou atrás a violência animal e descobriu a força sadia de sua organização como sendo o real motor na construção do Brasil diferente. Lá estava, reunido e pacífico, o bom povão brasileiro oferecendo, de graça, a fórmula pronta de superação da violência, pelo caminho único, que é a mobilização comunitária.

Pois bem: lá onde menos precisava; lá onde não havia possibilidade de suceder nenhuma violência — nosso vice-governador sabe disso — lá onde eram dados mais passinhos na direção da sociedade brasileira respeitada e atuante; lá onde a massa virou povo e conquistou espaços ocupados pelo caldo confuso de cultura produtor das sementes de violência: lá estavam, a tempo e a hora, 400 soldados das variadas polícias, armados dos mais esquisitos armamentos, carregando cassetetes e escudos de batalha, postados em linha de combate, para reprimir o povo organizado e impedi-lo de executar, ordeiramente, a manifestação terminal de seus problemas e de seus direitos.

Notícia fresquinha: semana passada, só em Nova Iguaçu, foram demitidas várias diretoras de CIEPs, de forma autoritária, sem aviso-prévio nem consulta à comunidade. As diretoras demitidas são conhecidas pela sintonia funcional e afetiva com a comunidade de seus bairros. Na nova administração estadual, elas têm que dar a vaga a diretoras comprometidas com os interesses do partido no poder. Diante disso, a pergunta: a atual preocupação com a violência é séria? Servem-se prontas premissas que geram conclusões inevitáveis: ainda não dá para levar a sério o combate à violência criminal, que não toma conhecimento ou reprime belicosamente a única solução da violência, que é a caminhada do povo em suas associações, se organizando por seus direitos. Aparatosas liturgias terminarão, mais uma vez, não levando a nada. Ou aumentando a violência da sociedade!

Direitos Humanos na Baixada

SADA B. DAVID

Como iguaçuana e como participante da Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu, faz tempo que nossa fraca voz denuncia o desrespeito à Vida em nossa Baixada. A irresponsabilidade e a incompetência dos Poderes Públicos; o abandono da nossa população entregue à toda sorte de impunidade; os abusos praticados em nossas periferias, fazendo-nos quintal e senzala da Casa Grande; enfim, na Baixada valia e vale tudo. Diz a sabedoria popular: "Quem semeia vento, colhe tempestade".

O que foi semeado em Nova Iguaçu? Nossa História basicamente agrícola, de um momento para o outro, ao invés da cana-de-açúcar, do café e da laranja, "plantaram" loteamentos, em sua maioria clandestinos. Aqui foram despejados irmãos nossos: nordestinos, mineiros e do norte fluminense sem nenhuma condição de vida digna. Essa massa domada pela indústria e comércio, com tradição agrícola, entra na carreira desumana dos nossos transportes coletivos. Nossos bairros sem qualquer infra-estrutura é incapaz de oferecer ao homem condições de vida digna.

As matanças são formas violentas e que explicitam a ponta do "iceberg". Há muito tempo que estamos sendo violentados. O nosso povo não é violento, nosso povo é, antes, violentado. O povo organizado em associações, grupos, entidades sabe de muita coisa e sabe, também, apontar pistas de possíveis soluções. Temos algumas sugestões a oferecer às Autoridades.

1. É urgente um Projeto de segurança emergencial para toda a Baixada, sob uma única orientação.
2. A composição da Coordenação desse Projeto seja formada de pessoas comprovadamente idôneas.
3. Controle e fiscalização da compra e venda de armas.
4. Controle e fiscalização da compra e venda de ouro e prata.
5. Controle e fiscalização dos ferros-velhos.
6. Instalação de barracas de lonas com policiais em rodízio espalhados pelos bairros.
7. Elaboração de um Projeto social integrado, envolvendo as Secretarias de Justiça, de Polícia Civil, de Segurança, de Saúde, de Educação, de Meio Ambiente, de Obras, de Transporte, etc.
8. Formação de Conselhos Comunitários, como: Conselho do Menor, de Educação, de Segurança, etc., que sejam assembleias de poder popular alternativo.

Ainda para terminar, as soluções serão possíveis quando Autoridades e organizações do povo sentarem juntas e democraticamente participarem da elaboração de todos os Projetos sociais.

Impressões na Diocese de Nova Iguaçu

Pe. ARMINDO CATTELAN

1º — É palpável o clima de liberdade que se respira e se vive nesta diocese. Aqui se pensa, se fala e se age no mais amplo espaço de liberdade que se possa desejar, o que não ocorre em muitos outros lugares. E aí está um primeiro sinal do Reino.

2º — Não é preciso ter mais que dois olhos para perceber que a diocese segue uma linha pastoral, ainda que não o claramente definida, mas suficientemente evidente para situá-la como uma Igreja identificada com o Concílio, com Medellín e Puebla. Suportando a carga de estruturas tradicionais e da religiosidade devocional do povo, e transparente o esforço das lideranças na afirmação de algumas prioridades:

- a participação comunitária e de base;
- o compromisso social e político da fé;
- a atenção às pastorais específicas.

3º — A impressão mais forte que se tem, ao chegar nesta diocese de Nova Iguaçu, é a de encontrar uma Igreja perseguida. Salta aos olhos o fato de que ela não manifesta nenhuma subordinação ou atrelamento aos Poderes Públicos. Ciosa de sua autonomia, goza da liberdade da denúncia profética. Para exemplificar, basta recordar a celebração da Sexta-Feira Santa, quando a diocese inteira, tendo à frente o seu

bispo, se reuniu junto aos lavradores do mutirão de Vila de Cava. Lá, catedral viva da diocese, celebrou a Paixão e Morte do Senhor, num protesto eloqüente contra a paixão e morte do nosso povo. Essas atitudes autenticamente evangélicas lhe valem a oposição dos poderes que lhe negam as benesses e lhe dificultam o desenvolvimento normal das suas atividades. E aí está outro sinal evidente do Reino.

4º — Quando o bispo, interpretando sua própria missão, não se diz "pai", mas "irmão mais velho", está afirmando sua condição de servidor do povo e companheiro de luta. A diocese de Nova Iguaçu goza desse privilégio, na pessoa de Dom Adriano.

5º — A emergência constante de contradições internas e conflitos comprovam que a diocese não se refugia no imobilismo. Da mesma maneira, a insatisfação face ao descompasso de alguns e os debates que precedem as deliberações de caráter diocesano dão testemunho que aqui se busca a participação de todos.

6º — Quando se conseguir ampliar mais e articular melhor os serviços nas Comunidades, a diocese contará com uma estrutura de base que a tornará um sinal menos aparente e mais eficaz de transformação.

Um olhar sobre a Baixada

O VEXAME DE MORAR NA BAIXADA

Frei Luís Thomaz

A Baixada Fluminense é identificada com realidades negativas. Fora daqui, o pessoal evita declarar que nasceu por estas bandas. Tem vergonha deste nome. Experimentei tal atitude com frequência, quando lecionei na UERJ. Alunas e alunos ou disfarçavam ou sentiam vexames, na hora dos endereços. Dizer morar em Nova Iguaçu significava assumir a inferioridade, perante os colegas de endereços mais nobres. Pois não é que tal vergonha fajuta passa também para a cabeça de muita gente do nosso povão?

É povo brasileiro falsificado, não querendo se assumir. É a pobreza se escondendo e tentando passar por riqueza. É a vergonha de nossas origens, sentimento profundamente deletério para nossas raízes e, consequentemente, para a árvore toda e os frutos que ela produz. É a realidade, único chão firme para tudo, cessando de ser a geografia dos nossos passos. É a cabeça alienada se enfiando regressivamente nas areias da fantasia. É o mundo de todos nós passando a ser medido e pesado com os instrumentos daqueles por causa de quem existem as desigualdades.

CAMINHANDO inaugura hoje esta coluna: "Um Olhar Sobre a Baixada". Deste cantinho de página, queremos observar nossa Baixada Fluminense, com olhos interessados e comprometidos. É a realidade desta área fotografada a partir deste ponto em que me acho. Daqui, como dos outros pontos em que se encontram as pessoas que lutam por ser conscientizadas e comprometidas, vê-se esta Baixada Fluminense como a grande concentração das misérias e grandezas do povo brasileiro, da irresponsabilidade e do abandono, impostos a este povo ainda indefeso, pelo pior que este país historicamente tem produzido, que são as suas elites do dinheiro e do poder.

Tem gente que não quer ver isto. Até na igreja. Até nas discussões de nossas comunidades. Na vida eclesial, pode também acontecer o fenômeno da vergonha e do distanciamento, acima referido. Por que não se quer ver a realidade, até nas igrejas? Os motivos são vários: religião, esta dimensão grandiosa e animadora no crescimento do espírito humano, pode ser entendida como viseira limitadora das perspectivas e possibilidades da existência. Aquilo que seria o fermento transformador é transformado nos quilômetros de distância da massa. Não é mais um olhar sobre a Baixada, mas para longe, por cima de tudo o que está em nossa frente, batendo em nossos olhos.

Entrevista:

AZULEICKA E O

MOVIMENTO POPULAR

CAMINHANDO — Como o Movimento Popular vê, no momento, a participação das comunidades eclesiais nas lutas do povo organizado?

AZULEICKA — A orientação é o incentivo às comunidades para participar dos movimentos populares já foi maior; hoje pouco se fala e, quando um membro da comunidade se engaja num trabalho popular diminuindo sua participação interna, é como se ele deixasse de ser cristão. O conceito de Comunidade é muito restrito.

C — Como você, presidente da Federação, julga esta participação da Igreja?

Az. — Tímida, muito mais voltada para dentro de si mesma. Forte na conscientização e fraca na ação.

C. — Você está sendo processada pelo Prefeito Paulo Leone. Por que?

Az. — Em maio de 1986, o MAB realizou uma manifestação pedindo a saída do prefeito e denunciando seu envolvimento em corrupção e má administração e eu dei uma declaração dizendo que a Prefeitura se transformou em um antro de corrupção.

C. — Que apoios você tem recebido em função deste processo?

Az. — Jurídico pela CDJP. Uma nota divulgada pela CDJP que acredito, nenhuma comunidade deve ter discutido ou até tomado conhecimento.

C. — As Comunidades eclesiais têm demonstrado solidariedade efetiva e presença, no caso deste seu processo provocado por sua liderança no Movimento Popular?

Az. — Pessoas isoladas, sim. Como organismo, não. Já fui à Vara Criminal 2 vezes e lá não senti a força das comunidades. Mas o que me preocupa é o fato das comunidades e da Diocese não terem, até hoje, tomado uma posição oficial sobre a situação da Prefeitura, uma ação pública. Já solicitei apoio e participação; e digo que é muito complicado a gente querer atingir o sistema sem atacá-lo na base, que é o município e o Estado.

C. — Como você vê as contradições que existem entre a teoria pastoral e a prática popular, na Diocese de Nova Iguaçu?

Az. — Acho que é fruto da contradição entre ser católico e ser cristão. É muito difícil seguir os princípios de Jesus Cristo, mesmo porque todos somos frutos de uma sociedade conflitiva, buscando novos caminhos e nessa busca, que também é política, se vive as contradições da mesma. Se prega a liberdade, a democracia, a confiança, participação, fraternidade, etc., mas não se vive esses valores. A grande contradição é que o mundo entrou mais na Igreja do que a Igreja no mundo.

C. — Como você viu o último congresso da Famerj?

Az. — Uma luta atroz pelo poder, onde pessoas simples são violentadas com os combates das correntes políticas, usando muitas vezes de expedientes idênticos aos do sistema que todos queremos derrubar. O problema é muito complexo e tem que ser refletido profundamente, há muita divisão que está enfraquecendo a luta conjunta, porque o resultado de um congresso norteia os rumos do movimento.

C. — Está havendo politização partidária do Movimento Popular? Como você julga esta partidarização nas grandes lutas que interessam ao povo todo?

Az. — O grande perigo é que se tente colocar os interesses do partido acima dos interesses coletivos e concretamente se corra esse risco, se não se refletir e buscar uma convivência equilibrada entre as forças políticas que estão dentro do Movimento.

C. — Para sentir-se realmente bem na Diocese de Nova Iguaçu, o que você gostaria que deixasse de existir, em nossa convivência e em nossas práticas?

Az. — Posso dizer que gostaria que existisse franqueza. Debate aberto sobre idéias e ideais, respeito mútuo, fraternidade, e que as pessoas possam ser julgadas pelo seu trabalho e não pela sigla partidária. Acabar com o patrulhamento ideológico.

CALENDÁRIO PASTORAL

Julho-87

3 (sexta-feira) — 15h — Clube de Mães — Cepal.

4 (sábado) — 7h: Comissão da Família — Catedral; 8h: Equipe diocesana de Crisma — Cepal; 9h: Comissão de Justiça e Paz — Cenfor; 15h: Comissão de Juventude — Cepal; 15h: Comissão de Círculo Bíblico — Cepal.

5 (domingo) — 9h: Curso de cânticos — Cenfor; 14:30h: Região pastoral III.

7 (terça-feira) — 9h: Mensal de Agentes de Pastoral — Cenfor; 15h: Comissão de Vocações, M. e Ministérios — Cepal.

10 (sexta-feira) — 19:30h Região pastoral I — Catedral.

12 (domingo) — 8h: Encontro internacional de direitos humanos — IESA; 8h: Encontro nacional de P. da Juventude — Seminário.

14 (terça-feira) — 9h: Conselho presbiteral — Cepal; 19:30h: Região pastoral IV

16 (quinta-feira) — 9h: Conselho pastoral — Cepal.

16 (quinta-feira) — 9h: Conselho Pastoral — Cepal.

17 (sexta-feira) — 19:30h: Região pastoral VII.

18 (sábado) — 8h: Comissão de Liturgia — Cepal; 8:30h: Comissão de Catequese — Seminário; 9h: Comissão de Justiça e Paz — Cenfor; 14h: Curso de aprofundamento teológico, bíblico e pastoral p/ ministros do batismo e Testemunhas qualificadas do Matrimônio — Seminário.

19 (domingo) — Encerramento do Enc. Intern. de D. Humanos — IESA; Encerramento do Enc. nacional de P.J. — Seminário.

21 (terça-feira) — 9h: Reunião do Clero — Casa de Oração; 20h: Região Pastoral II.

24 (quinta-feira) — 19:30h: Região pastoral V — Austin.

28 (terça-feira) — 9h: Conselho presbiteral — Cepal; 19:30h: Região pastoral VI — Cabuçu.